



## SUPERANDO A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO COTIDIANO ESCOLAR: Aplicação da iniciativa “Valente não é violento” <sup>1</sup>

*Patrícia Marini Palhano<sup>2</sup>; Bruno Scolaro<sup>3</sup>; Eliana Quartiero<sup>4</sup>*

### INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra as mulheres ocorre em todo o mundo em todas as classes sociais, em diferentes etnias e independe do grau de escolaridade. Cada vez mais a, violência de gênero é vista como um sério problema de saúde pública, além de constituir violação dos direitos humanos. Em todo mundo, pelo menos uma em cada três mulheres já sofreu algum tipo de violência durante a vida. O Brasil é signatário de diversos tratados internacionais de direitos humanos, que colocam ao Estado Brasileiro o dever de combater violações de direitos humanos, a discriminação e a violência contra as mulheres, garantindo um ambiente cultural e social positivo para a igualdade entre os seres humanos.

No âmbito da campanha do Secretário Geral da ONU “Una-se pelo Fim da Violência contra as Mulheres”, foi lançada, em 2013, a iniciativa regional “O Valente não é Violento”, coordenada pela ONU Mulheres. Esta ação busca estimular a mudança de atitudes e comportamentos, repensar e transformar os estereótipos, ou seja, as ideias pré-concebidas dos papéis sociais denominados femininos ou masculinos e das crenças sobre o que as mulheres e os homens devem ser ou fazer. Afinal, essas ideias, profundamente arraigadas em nossas culturas, são a base da desigualdade de gênero, da discriminação das mulheres e, consequentemente, da violência exercida contra elas. Este projeto surgiu a partir da observação do contexto escolar que, muitas vezes, não apoia iniciativas de educadores que propõem discussões sobre sexualidade e gênero. Financiado pela

<sup>1</sup> Projeto desenvolvido com o apoio do CNPq e do Instituto Federal Catarinense

<sup>2</sup> Aluna do Instituto Federal Catarinense, campus Videira, Curso Licenciatura em Pedagogia. E-mail: dostoievski42@outlook.com

<sup>3</sup> Aluno do Instituto Federal Catarinense, campus Videira, Curso Licenciatura em Pedagogia. E-mail: bruno.scolaro07@gmail.com

<sup>4</sup> Professora Orientadora do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: eliana.quartiero@ifc.edu.br



União Europeia e conduzido através de uma parceria com a iniciativa “Escola sem Machismo” da ONU Mulheres, foram elaborados planos de aulas, como uma forma de intervenção sobre o contexto de desigualdade de gênero através da educação. A proposta, é desenvolver o tema em sala de aula de maneira transversal, ou seja, atravessando e desconstruindo um imaginário já estabelecido. Foram elaboradas seis aulas que contemplam desde estereótipos sobre gênero, raça/etnia e a mídia, até a definição de vulnerabilidade e poder. Os planos abordam: estereótipos de gênero, raça/etnia, diferenças e desigualdades, vulnerabilidades e prevenção. Os planos de aula utilizam vários veículos de aprendizagem, para além das atividades conceituais como, por exemplo: filmes comerciais, imagens de propagandas, análise de letras de música, construção de materiais, pesquisas na internet, utilização de novas tecnologias de comunicação, dentre outros.

A versão inicial dos planos de aulas foi distribuída gratuitamente, através de plataformas sociais, professores da rede pública de todo país aderiram e incentivaram o projeto a se expandir. A ideia é ampliar para todo o Brasil, estimulando professores/as a aderirem à sua utilização. Nesta pesquisa entrevistou-se professores/as que utilizaram os planos de aulas propostos pelo projeto, levantando suas percepções da adequação do material e possíveis impactos no ambiente de sua escola. O objetivo foi identificar a contribuição dos planos de aula disponíveis pelo projeto “Valente não é violento” para o trabalho docente, perceber como professores/as avaliam o material didático do projeto para a utilização na sua prática pedagógica frente ao desafio de desenvolver o tema da violência de gênero. Também levantar sugestões destes profissionais quanto ao formato destes planos de aulas.

Através de uma pesquisa qualitativa foi realizado um levantamento, junto a docentes, perguntando se o instrumental proposto pelo projeto “Valente não é violento” foi uma ferramenta útil e adequada para o trabalho em sala de aula. Nesta pesquisa buscou-se mapear a implementação deste projeto em cidades de pequeno porte do interior de Santa Catarina, com o objetivo de perceber como se deu este processo/caminho da aplicação dos planos de aula que desenvolvem os debates sobre direitos sexuais como direitos humanos. Neste sentido acompanhou-se o



desenvolvimento dos planos de aulas do “Valente não é violento” realizados por professores em escolas públicas de abrangência da 9<sup>a</sup> GERED de Santa Catarina.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia qualitativa foi utilizada nesta pesquisa, pois segundo Flick (2004), ela é direcionada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais. De acordo com Freitas (2002), ela valoriza os aspectos descritivos e as impressões pessoais, buscando focalizar o particular como instância onde se apresenta o aspecto social, além de compreender os sujeitos envolvidos e entender também o contexto. Martinelli (1999) enfatiza três pressupostos importantes para fundamentar a pesquisa qualitativa: Um primeiro pressuposto é o do reconhecimento da singularidade do sujeito. [...] segundo pressuposto é que essas pesquisas partem do reconhecimento da importância de se conhecer a experiência social do sujeito e não apenas as suas circunstâncias de vida. [...] terceiro pressuposto, que se expressa no reconhecimento de que conhecer o modo de vida do sujeito pressupõe o conhecimento de sua experiência social. (p.22 e 23)

A pesquisa de campo foi realizada em três escolas da rede pública de cidades do interior de Santa Catarina. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro docentes, esta forma de entrevista, segundo Minayo (1998), proporciona a possibilidade de “discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador” (p. 108). A escolha dos professores/as teve como critério aqueles/as que utilizaram, com seus alunos, os planos de aulas disponibilizados pelo projeto “Valente não é violento”. Foi realizado um diário de campo das visitas às instituições e escolas e contatos com as pessoas entrevistadas. Os docentes participantes atuam na rede pública estadual da 9<sup>a</sup> GERED de Santa Catarina, que tem em sua abrangência os municípios: Videira, Arroio Trinta, Fraiburgo, Iomerê, Pinheiro Preto, Salto Veloso e Tangará. A aplicação do projeto, nas escolas investigadas, teve como característica a interdisciplinariedade e vários professores/as aderiram à proposta, o



# FICE

7<sup>A</sup> FEIRA DE INICIAÇÃO

CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 e 06 de setembro

desenvolvimento desta ação foi sugerida pelo NEPRE da 9<sup>a</sup> GERED, que realizou uma capacitação para os docentes desta região.

Para a análise dos dados coletados na pesquisa foi utilizado o referencial teórico e análise do discurso do filósofo Michel Foucault. Tendo Foucault como suporte teórico, tomamos a linguagem como constituinte da realidade, e os depoimentos obtidos como fruto de práticas discursivas, as quais, por sua vez, são históricas. Os sujeitos entrevistados não nos remetem a uma essência e sim a uma posição, que pode ser ocupada por indivíduos variados, pois existem condições de possibilidade ou de impossibilidade para a produção discursiva. Neste sentido a perspectiva genealógica foi utilizada nesse estudo como possibilidade de mapear o regime de verdades que torna possível um enunciado, e as suas possibilidades de legitimidade nos jogos de poder e verdade (FOUCAULT, 1997).

Foucault nos oferece um saber como construção histórica, e como tal, produz verdades que se instalam e se revelam nas práticas discursivas. E é nesse sentido que para o filósofo o conhecimento e a verdade são questões históricas, são produções sistemáticas que manifestam também por meio de discursos científicos tidos por verdadeiros, positivos e, por isso, aceitos e tomados em toda sua positividade.' (AZEVEDO, S, 2013, p.149)

Neste sentido, buscamos, através do relato da experiência de seus/suas aplicadoras apreender suas “traduções” e aplicações, tendo em mente que se estabelecem dinâmicas definidas por condições de possibilidade para cada local e período histórico. Buscamos olhar estas experiências como um processo, vistas em ato, vivenciada por sujeitos que se tornam agentes e agenciadores das propostas desta ação. Através de pesquisa de campo com princípios qualitativos, buscamos compreender como estes professores perceberam o material utilizado, sua adequação à sua realidade e seu grupo de alunos/as.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES



A adesão de professoras/es à aplicação desta iniciativa mostrou-se complexa, pois necessitou de apoio das direções das instituições onde atuam e deixar de lado um sentimento de insegurança acerca da sua competência em abordar estes temas. Com a adesão da 9<sup>a</sup> GERED, que considerou pertinente e necessário o trabalho com este tema, o processo foi encaminhado de forma institucional, o que proporcionou uma maior segurança ao corpo docente, juntamente com o entendimento de que este seria um tema transversal previsto no trabalho pedagógico e no conteúdo das escolas.

Cada escola organizou de forma singular a implantação do projeto, decidiu quantas aulas seriam desenvolvidas e quais professores se envolveriam na aplicação. A medida que as ações foram acontecendo, os docentes foram utilizando um grupo de what shap para dar seus relatos e postarem os trabalhos desenvolvidos com os/as alunos/as. Algumas atividades desenvolvidas foram as sugeridas pelos planos, mas algumas escolas acrescentaram atividades ou instrumentais além dos propostos. Em uma das escolas foram realizados videos pelos alunos sobre a violência contra a mulher e as atitudes machistas presentes na sua escola. Em outra escola foram elaborados cartazes sobre preconceito e diversidade sexual e estes foram expostos nos corredores da escola.

Constatou-se que a utilização dos planos de aula possibilitou que fossem desenvolvidas ações nas escolas, os/as docentes já percebiam a necessidade de trabalhar a temática de gênero e sexualidades mas não se sentiam apropriados teoricamente acerca dos conteúdos e conceitos. Com os planos em mãos, como relataram: “tudo pronto e bem explicado, com fundamentação teórica.”, houve uma maior tranquilidade de atuar com a temática e uma adesão da maioria de docentes, destas escolas, no trabalho desenvolvido. O projeto propõe seis aulas, um tempo considerado grande para a aplicação, resultou em propostas interdisciplinares, envolvendo vários professores, cada um abordando a temática, relacionando com sua área de atuação.

Todos/as docentes avaliaram o material do projeto como muito bom e adequado, e inseriram outras atividades e ampliaram os materiais como: textos literários, filmes e videos. O material disponibilizado foi considerado como “base” da



atuação, cunprindo um importante papel no desenvolvimento de ações com os/as alunos/as. Docentes também pontuaram como muito positivo a forma como os planos de aula são apresentados: “o material é muito organizado, já vem tudo pronto, é só aplicar.”

Através da análise dos dados levantados na pesquisa percebe-se uma importante função do material do projeto “Valente não é violento” para intervenções nos contextos educativos. Considera-se que seria indicada uma maior divulgação e implementação do projeto em outras escolas do estado, transformando-se em uma ação institucional para o combate às violências relacionadas ao gênero.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debates atuais sobre a necessidade e legitimidade de abordar a discussão de gênero na escola, muitos deles vinculados aos argumentos de grupos defensores do fim da “ideologia de gênero”, tem causado uma abordagem mais tímida destes temas. Este panorama tem contribuído para que os/as docentes vivenciem um sentimento de inadequação para problematizar a heteronormatividade e masculinidades/feminilidades hegemônicas com a comunidade escolar. Consideramos que a divulgação e tentativas de utilização deste instrumental pedagógico são necessários, principalmente na atual disputa por constituir nas escolas espaços de discussão e expressão, pautados nos direitos humanos. Com esta pesquisa buscou-se colaborar na avaliação de projetos que têm como objetivo a promoção da equidade de gênero na escola. Com o desenvolvimento desta pesquisa se pretendeu fomentar a implementação de ações similares e qualificar este instrumental que já está sendo utilizado. Também, como meta, a visibilidade do trabalho de docentes com o material deste projeto com suas contribuições e sugestões de aperfeiçoamento e atualização do material didático.

## REFERÊNCIAS



# FICE

7ª FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 e 06 de setembro

AZEVEDO S. D. R. *Formação discursiva e discurso em Michel Foucault.* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Vol. 6, nº 2, 2013.

FLICK, Uwe. Uma introdução à Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária. 1997.

FREITAS, M.T.A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Cadernos de Pesquisa, 116, pp 21-39. 2002.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social. In: Martinelli, Maria Lúcia (org.). Pesquisa qualitativa: um instigante desafio. São Paulo: Veras editora. 1999. Série Núcleo de Pesquisa.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, 1987.